

ENTRE AS TRAMAS DOS CIRCUITOS PRODUTIVOS DE ROUPAS DE SEGUNDA MÃO E DOS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA EM DOURADOS-MS

BETWEEN THE INTERWEAVINGS OF THE PRODUCTIVE CIRCUITS OF SECOND-HAND CLOTHING AND THE CIRCUITS OF THE URBAN ECONOMY IN DOURADOS-MS

ENTRE LAS TRAMAS DE LOS CIRCUITOS PRODUCTIVOS DE LA ROPA DE SEGUNDA MANO Y DE LOS CIRCUITOS DE LA ECONOMÍA URBANA EN DOURADOS-MS

AUTOR

¹ Luciano Duarte 
² Iara Cardoso 

FILIAÇÃO INSTITUCIONAL

^{1 2} UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

E-MAIL

lucianopsilva@ufgd.edu.br
tainaiwata@gmail.com

DATA DE SUBMISSÃO: 15/04/26

DATA DE APROVAÇÃO: 12/08/26

DOI: 10.12957/GEOUERJ.2026.98271



E-ISSN 1981-9021

ESTE É UM ARTIGO DE ACESSO ABERTO DISTRIBUÍDO SOB OS TERMOS DA LICENÇA CREATIVECOMMONS BY-NC-SA 4.0, QUE PERMITE USO, DISTRIBUIÇÃO E REPRODUÇÃO PARA FINS NÃO COMERCIAIS, COM A CITAÇÃO DOS AUTORES E DA FONTE ORIGINAL E SOB A MESMA LICENÇA.

// RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de apresentar como se organiza o circuito espacial produtivo de roupas de segunda mão a partir do recorte empírico e territorial do município de Dourados, MS. Busca-se ainda reconhecer como tal processo produtivo estabelece relações, tramas e ganha lastro nas dinâmicas dos circuitos da economia urbana, especialmente com o circuito inferior. Para isso, centramos o enfoque nas dinâmicas espaciais da distribuição e do consumo, examinando de forma particular uma feira criativa realizada na cidade chamada Feira O Balaio. A pesquisa utilizou entrevistas semiestruturadas com agentes produtivos do circuito, questionários com consumidores e observação participante durante as feiras e atividades produtivas. Os resultados empíricos e as análises realizadas indicam que as feiras se mostram como elemento central do circuito produtivo de roupas de segunda mão, não se restringindo apenas ao momento da distribuição mas como relação de interdependência com os brechós, principalmente por ser uma alternativa aos constrangimentos que o meio ambiente construído das cidades impõe sobre os agentes do circuito inferior. Assim, a feira atua simultaneamente como ponto de articulação de fluxos de mercadorias, informações e na constituição de solidariedades geográficas de agentes do circuito inferior da economia urbana.

Palavras-chave: Economia política das cidades; brechós; roupas de segunda mão; feiras criativas; cidades intermediárias.

// ABSTRACT

This article aims to present how the spatial circuit of production of secondhand clothing is organized, based on the empirical and territorial delimitation of the municipality of Dourados, in the state of Mato Grosso do Sul (MS), Brazil. It also seeks to identify how this productive process establishes relations and networks, gaining traction within the dynamics of the circuits of the urban economy, particularly in relation to the lower circuit. To this end, the analysis focuses on the spatial dynamics of distribution and consumption, examining in particular a creative fair held in the city, known as the O Balaio Fair. The research employed semi-structured interviews with productive agents of the circuit, questionnaires administered to consumers, and participant observation during the fairs and productive activities. The empirical results and analyses indicate that fairs constitute a central element of the secondhand clothing production circuit, not limited to the moment of distribution but also forming a relationship of interdependence with thrift stores, chiefly because fairs offer an alternative to the constraints that the built environment of cities imposes on agents of the lower circuit. Thus, the fair simultaneously functions as a node for the articulation of flows of goods and information, as well as for the constitution of geographical solidarities among agents of the lower circuit of the urban economy.

Keywords: Political economy of cities; thrift stores; secondhand clothing; creative markets; intermediate cities.

// RESUMEN

El presente artículo tiene como objetivo presentar cómo se organiza el circuito espacial de producción de ropa de segunda mano, a partir del recorte empírico y territorial del municipio de Dourados, en el estado de Mato Grosso do Sul (MS), Brasil. Se busca además reconocer cómo dicho proceso productivo establece relaciones y tramas, afianzándose en las dinámicas de los circuitos de la economía urbana, especialmente en relación con el circuito inferior. Para ello, se centra el enfoque en las dinámicas espaciales de la distribución y del consumo, examinando de manera particular una feria creativa realizada en la ciudad, denominada Feira O Balaio. La investigación utilizó entrevistas semiestructuradas con agentes productivos del circuito, cuestionarios a consumidores y observación participante durante las ferias y actividades productivas. Los resultados empíricos y los análisis realizados indican que las ferias se muestran como un elemento central del circuito productivo de ropa de segunda mano, sin restringirse solo al momento de la distribución, sino también como una relación de interdependencia con las tiendas de ropa de segunda mano, principalmente por tratarse de una alternativa a las restricciones que el medio ambiente construido de las ciudades impone sobre los agentes del circuito inferior. Así, la feria actúa simultáneamente como punto de articulación de flujos de mercancías e información, así como en la constitución de solidaridades geográficas entre los agentes del circuito inferior de la economía urbana.

Palabra Clave: Economía política de las ciudades; tiendas de segunda mano; ropa de segunda mano; ferias creativas; ciudades intermedias.

INTRODUÇÃO

O objetivo do artigo é apresentar como se organiza o circuito espacial produtivo de roupas de segunda mão a partir do recorte empírico e territorial do município de Dourados, Mato Grosso do Sul. Busca-se ainda reconhecer como tal processo produtivo estabelece relações, tramas e ganha lastro nas dinâmicas dos circuitos da economia urbana. Por fim, o artigo dá maior enfoque nas dinâmicas espaciais da distribuição e do consumo desse segmento da produção, examinando de forma particular uma feira criativa realizada na cidade chamada Feira O Balaio, compreendendo-a como evento inerente e fundamental para conformação, articulação e dinamização do circuito de roupas de segunda mão na cidade.

Para este trabalho, buscamos operacionalizar e articular os conceitos de Circuitos Espaciais Produtivos (CEP), como elaborado por trabalhos já muito difundidos, como os de Milton Santos (2006 [1986]), Antônio Carlos Robert Moraes (2017 [1989]), e Ricardo Castillo e Samuel Frederico (2010); e o de Circuitos da Economia Urbana (CEU), como proposto por Milton Santos (2008 [1979]) e com importantes atualizações e contribuições mais recentes de Maria Laura Silveira (2013), Marina Regitz Montenegro (2013) e Silvana Cristina da Silva (2012). Desse modo, busca-se construir um caminho de análise para interpretar as estruturas e dinâmicas dessa atividade pouco estudada pela geografia brasileira, característica que demonstra mais uma vez a atualidade e potência dessas teorias para a análise dos movimentos de transformação das relações socioespaciais, sobretudo ao revelar a centralidade analítica e política da economia dos pequenos (Arroyo, 2017).

Como procedimentos de pesquisa, orientados sobretudo em ordem qualitativa, foram realizadas observações participantes, com visitas *in loco* a feiras e estabelecimentos de comercialização de roupas de segunda mão, conhecidos como brechós, porém, tomou-se como enfoque para o presente artigo as informações socioespaciais relacionadas às feiras em que participam diversos brechós, de forma particular a Feira O Balaio. As entrevistas foram conduzidas de duas formas complementares: por meios informais, realizadas constantemente

durante a observação participante nas próprias feiras (desde 2018), através de conversas espontâneas que ocorriam no espaço de realização das feiras; e por meio de duas entrevistas semiestruturadas específicas, uma com a produtora responsável pela feira O Balaio e outra com uma das produtoras responsáveis pelo Garimpo Coletivo. Por fim, foram aplicados cem questionários aos consumidores da 10ª edição da Feira O Balaio, realizada nos dias 07 e 08 de maio de 2022.

Com base nesses procedimentos, buscou-se coletar informações sobre a localização, estrutura e entorno dessas feiras, assim como as dinâmicas relacionadas à distribuição e troca das roupas de segunda mão em seu interior. A partir dessas informações, procurou-se reconhecer tanto as condições socioespaciais dos lugares de realização desses eventos, como as redes de confiança e solidariedade orgânica estabelecidas pelos “pequenos”, esses agentes que integram e produzem o circuito inferior da economia urbana.

A escolha pelo recorte empírico e analítico da feira O Balaio, enquanto evento/fenômeno geográfico, se justifica não somente pela relevância social e econômica que representa, mas também pela singularidade de sua origem. A feira surge da necessidade de uma das suas criadoras, que possuía um brechó *online*, em ter um espaço presencial para o encontro e relacionamento com sua clientela. Em conjunto a outros dois artistas e inspirada em eventos do mesmo tipo que acontecem em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, a equipe de organização da feira buscou promover um novo espaço de socialização, em que sua existência propriamente dita contribui diretamente para a consolidação e ampliação do número de estabelecimentos de brechós na cidade, evidenciando uma relação de interdependência com o circuito de roupas de segunda mão e este tipo de evento. Isso se reafirma na medida em que, na sua ausência, criou-se uma lacuna que foi preenchida por outras feiras criativas, como o Garimpo Coletivo, um evento que reúne especificamente o mercado de roupas de segunda mão em Dourados.

O ramo de roupas de segunda mão se insere no circuito têxtil-confecção por meio do reuso e da reciclagem¹ de produtos têxteis de vestuário, calçados e acessórios, após sua circulação no

¹ No universo da reutilização dos produtos têxteis de vestuário está o *upcycling*. O termo em inglês significa reutilização e está relacionado a produzir uma nova mercadoria com um produto têxtil descartado após o consumo, a prática relaciona o *upcycling* com as etapas de produção de

mercado de itens novos (Gregson; Crewe, 2003). Esse processo complexifica a estrutura do circuito têxtil-confecção ao dar origem a uma nova ramificação, o que denominamos de circuito de roupas de segunda mão (brechós), centrado na dinâmica do reuso, compreendida como o processo pelo qual a peça percorre um novo curso no circuito do consumo de vestuário, da esfera da produção à do consumo de segunda mão.

No momento da distribuição, que será foco de maior discussão neste artigo, observa-se a importância da circulação dos produtos que conectam e atravessam diversos espaços, que vão desde os locais de “garimpo” das roupas de segunda mão, que envolvem dinâmicas fronteiriças, até os brechós (lojas físicas) em que elas são retrabalhadas e dispostas, chegando nos eventos específicos do ramo ou em feiras de maior abrangência, como a Feira O Balaio. Ainda que não seja o enfoque deste artigo, é preciso reconhecer a importância de outra dinâmica da distribuição que se manifesta por meio da digitalização, através de plataformas virtuais de comércio eletrônico e redes sociais, que estão vinculadas principalmente aos fluxos de informação.

A partir dos resultados obtidos por essa pesquisa, buscamos refletir sobre a centralidade que as feiras, em especial O Balaio, possuem nas tramas que se estabelecem entre o circuito espacial produtivo de roupas de segunda mão e os circuitos inferiores da economia urbana de Dourados. Por um lado, as feiras se mostram fundamentais principalmente nas atividades que envolvem a etapa da distribuição das roupas de segunda mão, já que é nesse momento da produção e nesses espaços em que significativamente se efetiva a articulação entre a produção propriamente dita, a troca e o consumo. Por outro lado, as feiras não se limitam apenas a um evento de comercialização de certas mercadorias, pois, elas também funcionam como pontos de articulação de fluxos de informação e de solidariedade entre os agentes. Assim, enquanto um evento geográfico, as feiras criativas, como O Balaio, não organizam o espaço apenas segundo ou orientado a uma lógica econômica e produtiva, mas também são formas emergentes de usos do território que podem dar suporte e serem catalisadores de práticas não hegemônicas de

organização da produção e do consumo, consolidando assim um mercado socialmente necessário (Ribeiro, 2013).

Além desta introdução e considerações finais, o presente artigo possui outros dois segmentos. No primeiro, buscamos apresentar as principais características e formas de organização do circuito espacial produtivo de roupas de segunda mão, bem como as particularidades de sua manifestação na situação geográfica que tomamos como recorte empírico, a cidade de Dourados. No segundo, discutimos a importância da Feira O Balaio para a realização de atividades ligadas à etapa de distribuição desse circuito produtivo, sobretudo enquanto agregador de produtores e consumidores de roupas de segunda mão, mas também enquanto evento geográfico que tem a capacidade de reorganização o espaço, ao menos momentaneamente, promovendo novas formas de solidariedade entre diversos agentes ligados ao circuito inferior da economia urbana.

ORGANIZAÇÃO E DINÂMICAS DO CIRCUITO ESPACIAL PRODUTIVO DE ROUPAS DE SEGUNDA MÃO E SUAS PARTICULARIDADES EM DOURADOS-MS

Toda trama é feita de fios que se cruzam, tornando-se tecidos, a textura se dá a partir das combinações e movimentos que se realizam no momento do entrelaçamento. São as diferentes combinações de conteúdos e os usos do território que se entrecruzam nesse processo produtivo que nos auxiliam a conformar a ideia de um circuito espacial produtivo de roupas de segunda mão na cidade de Dourados.

Conforme as reflexões de Raffestin (1993), a rede pode ser compreendida como um sistema formado por linhas que constituem tramas, podendo se apresentar de maneira concreta ou abstrata, visível ou invisível. Nessa mesma perspectiva, Santos (2006 [1996]) destaca que, na contemporaneidade, as redes assumem dimensões materiais e imateriais, expressas na criação de objetos e espaços que favorecem a fluidez, como oleodutos, gasodutos, autopistas, aeroportos, teleportos e tecnópoles. Esses elementos, segundo o autor, confere valor às atividades que deles se utilizam, funcionando como verdadeiros fluxos dentro do território.

Os apontamentos feitos por Castillo e Frederico (2010) parecem reforçar essas constatações ao indicarem a centralidade da circulação (circuito) no encadeamento das etapas da produção, como modo de se compreender o uso do território através da dinâmica dos fluxos:

A noção de circuito espacial produtivo enfatiza a um só tempo, a centralidade da circulação (circuito) no encadeamento das diversas etapas da produção; a condição do espaço (espacial) como variável ativa na reprodução social; e o enfoque centrado no ramo, ou seja, na atividade produtiva dominante (produtivo). (Castillo; Frederico, 2010, p. 463)

Ainda sobre a centralidade dos fluxos, Santos e Silveira (2021 [2001]) destacam a importância dos círculos de cooperação no espaço, compreendidos como a relação entre lugares e agentes mediadas pelos fluxos de informação, são fundamentais por possibilitarem a conexão entre as diferentes etapas da produção, especialmente separadas, articulando os diversos agentes e lugares que formam o circuito espacial produtivo. Para Castillo e Frederico (2010), tratam da comunicação, consubstanciada na transferência de capitais, ordens, informações (fluxos imateriais), unificando, através de comandos centralizados, as diversas etapas, espacialmente segmentadas, da produção.

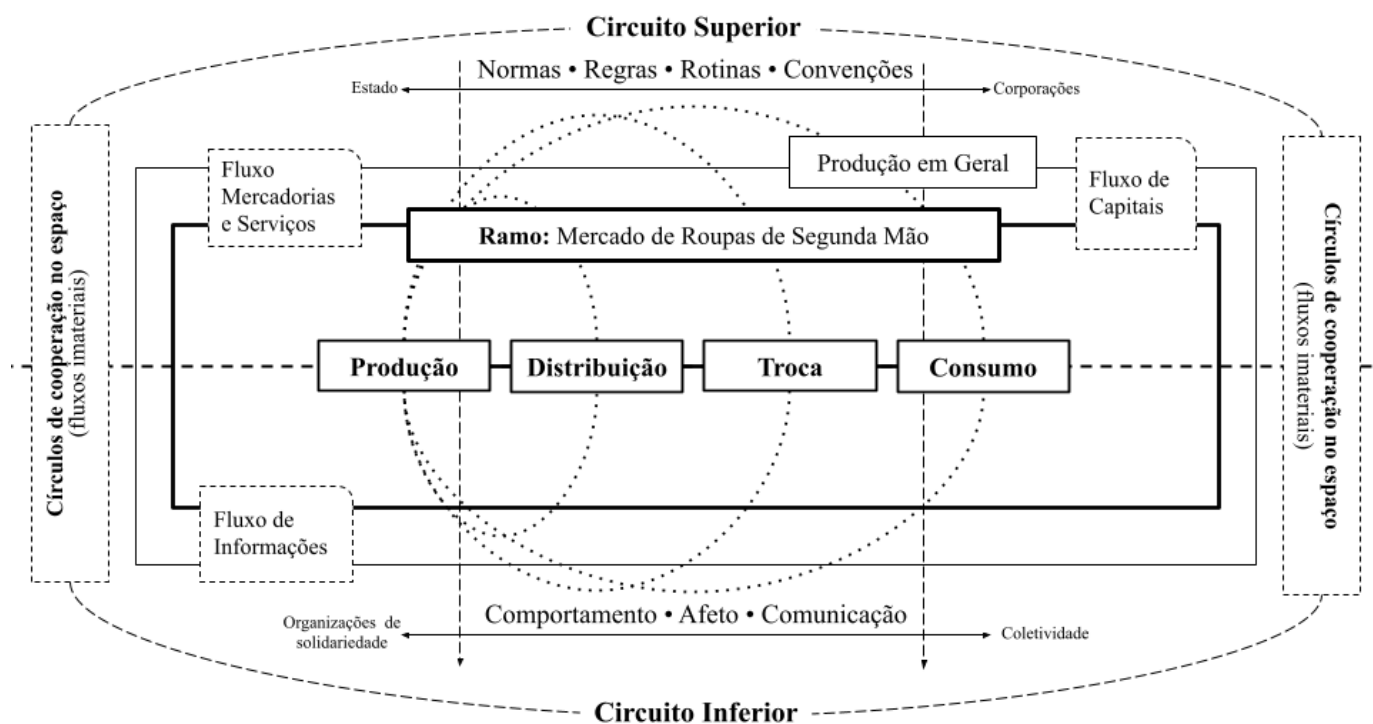
Encontramos ainda em Castillo e Frederico (2010, p. 464) a síntese do conceito com a seguinte formulação: “os circuitos espaciais de produção pressupõe a circulação da matéria (fluxos materiais) no encadeamento das instâncias geograficamente separadas da produção, distribuição, troca e consumo, de um determinado produto, num movimento permanente”.

Ao final é preciso fazer uma diferenciação entre o conceito de circuito espacial produtivo e os circuitos da economia urbana, proposta por Santos (2008 [1979]). A análise centrada no ramo ou “circuito de ramos” é marcada por relações técnicas, de produção social e está concentrada no produto, ou seja, no circuito espacial produtivo; já as relações econômicas do “circuito de firmas” enfocam sua análise nas relações sociais de produção, sejam elas de complementaridade, subordinação ou competição, centrada nos agentes econômicos, envolvendo diversos produtos.

Castillo e Frederico (2010, p. 463) destacam a possibilidade de trabalhar os dois conceitos de forma complementar (ver Figura 1), “uma vez que tanto o circuito inferior quanto o circuito

superior fazem parte de circuitos espaciais produtivos de tamanho e características técnicas e organizacionais distintas”.

Figura 1. Esboço do circuito espacial produtivo de roupas de segunda mão (Brechós) em Dourados



Fonte: Elaboração própria, com base em Duarte (2019).

Na Figura 1 esboçamos os principais momentos do circuito espacial de produção de roupas de segunda mão (Brechós) em Dourados. A partir de uma descrição breve, vemos que o fluxo principal do circuito é composto por atividades que compreendem: a Produção (Garimpo, Triagem, Higienização, Restauração), a Distribuição (Organizacional e Venda), Troca (Pagamentos e Entrega) e o Consumo/Distribuição (Loja física, Eventos e à Domicílio). Na dimensão espacial encontramos que tal processo produtivo perpassa lugares como: a casa, a cidade, fora da cidade, escala regional e fronteira. É importante destacar que em todos os momentos do circuito estão articulados os círculos de cooperação com outros ramos de atividades, insumos químicos, máquinas e equipamentos, centros de pesquisa e

desenvolvimento, escolas técnicas e universidades, que se inserem nos circuitos através do que identificamos como fluxos materiais e imateriais dos círculos de cooperação no espaço.

O momento denominado “garimpo” se refere à fase de busca e seleção de matéria prima em diferentes mercados de roupas de segunda mão (ver Figura 2, foto 1). Essa etapa ocorre em espaços distintos: na cidade, em Dourados, e fora dela, abrangendo a fronteira com o Paraguai e outras cidades da região de influência. Grande parte do abastecimento se dá nessas localizações de escala regional, e destacam-se os “centros de distribuição”², como brechós de galpão, bazares e estabelecimentos que oferecem mercadorias a baixo custo, numa modalidade híbrida como os “atacarejos” em que se pode comprar tanto no atacado (grandes quantidades) como no varejo (direto para o consumidor final) a depender de uma variedade de situações como a relação social entre vendedor-comprador e a quantidade de peças. Em menor escala também podem se originar do próprio descarte doméstico, de doações, bazares (filantropia), peças de ponta de estoque, devolução de lojas tradicionais e na forma de consignados.

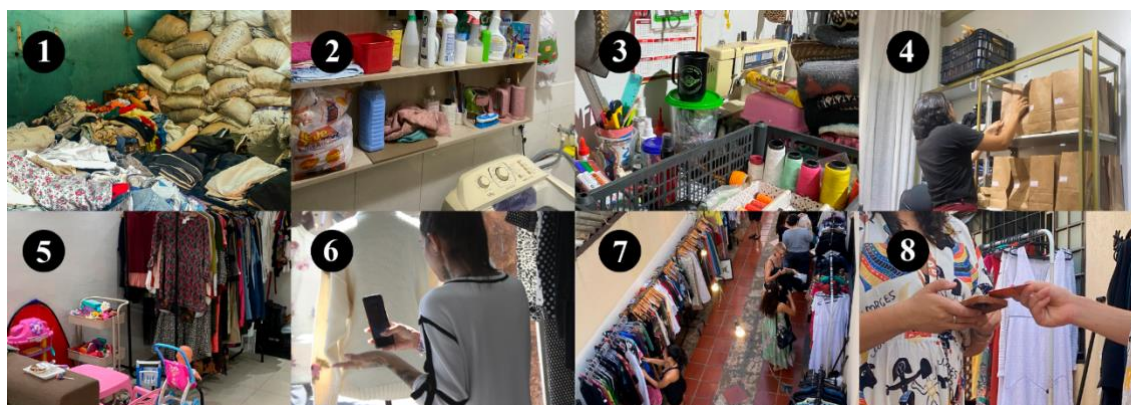
Neste momento também ocorre a “curadoria” inicial, cuja seleção e triagem das peças é realizada de forma criteriosa e já mediada pela informação dos desejos de consumo do público alvo e pela proposta estética e de nicho do brechó. Posteriormente, no momento de “curadoria”, as atividades concentram-se na cidade, majoritariamente dentro do espaço privado da casa, onde se realizam também os processos derivados de curadoria, ações como os cuidados necessários com a higienização (ver Figura 2, foto 2) e restauração das peças para a venda (ver Figura 2, foto 3), compondo a etapa da produção.

Das atividades e ações vinculadas a distribuição, destacamos o caráter organizacional (ver Figura 2, fotos 4, 5 e 6), a catalogação (produção de fotos, vídeos e textos descritivos), o estoque (com alta rotatividade de produtos e necessidade de recomposição constante a demanda de eventos), a precificação (alto grau informacional, com comparação de mercado, demanda do consumidor e avaliação qualitativa das condições materiais/imateriais da peça), o financeiro

² Cabe destacar que essa questão já foi objeto de análise detalhada no artigo *A fronteira como espaço de trabalho e as fronteiras do trabalho: os circuitos de roupas de segunda mão em Dourados, Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai)* (Cardoso; Duarte, 2025), trabalho que fundamenta e antecede as discussões aqui desenvolvidas.

(gestão de vendas em grande parte realizada de forma analógica ou de forma digital simplificada com uso de *softwares* de gestão), o marketing (papelaria e fragrância personalizada, utilização de redes sociais e plataformas de *e-commerce*) e os eventos (participação em feiras como O Balaio e a produção de eventos do nicho específico dos Brechós como O Garimpo Coletivo).

Figura 2. Fluxo de Trabalho no mercado de Roupas de Segunda Mão



Fonte: Elaboração própria (2026).

Os últimos momentos que compõem o fluxo principal do circuito são o da troca e o do consumo. As relações de troca neste circuito se realizam a partir de diferentes mecanismos de pagamentos e formas de organização logística, no circuito inferior da economia destacamos sua relação com o fluxo de finanças (ver Figura 2, foto 8). As mediações realizadas por meio de PIX, débito e crédito com a utilização de sistemas de pagamento digital por aproximação em “maquininhas *contactless*”, sejam estas de Cooperativas de crédito (Sicredi) ou bancos digitais (*fintechs*), em que se destacam: Mercado Pago e Stone ou via aplicativos como a *Infinity Pay*, e em menor escala dinheiro em espécie.

A venda (distribuição-consumo) se dá principalmente por dois meios (ver Figura 2, fotos 5, 6 e 7): o presencial, que pode ser realizar em loja física (casa ou estabelecimento derivado), com deslocamentos até o domicílio dos clientes ou durante os eventos (gerais e específicos); e o *online*, via plataformas com publicações nas redes sociais, principalmente via Instagram (publicações nos *stories* e *feed*) e WhatsApp (grupos de vendas e mensagens personalizadas/individualizadas). É importante destacar que no momento da distribuição se

desenvolve a “curadoria” num sentido mais amplo, não vinculado à restauração ou conserto, mas à ideia de contextualização, de criar uma narrativa que dê sentido à peça e que influencia diretamente no momento da venda.

O consumo possui características marcadamente informacionais, pois, por meio da relação das agentes produtoras (brechozeiras) com a clientela, os gostos e desejos são compartilhados nos dois sentidos: a partir da produção em direção ao consumo, buscando efetivar a venda e o convencimento para a aquisição de seus produtos; mas também do consumo em direção à produção, informando, por exemplo, que tipo de peças devem ser garimpados. Claramente essa relação não ocorre somente no plano horizontal, na relação imediata entre agentes produtivos e consumidores, há igualmente vetores verticais que mediam essa relação, como é o caso dos desejos vinculados aos circuitos superiores de confecção que, por meio de diversos canais hegemônicos de comunicação e publicidade, atravessam essa relação com tendências de moda nacionais ou internacionais. Por esse motivo é sempre importante lembrar que o circuito não termina quando aquela mercadoria se realiza no consumo, outra forma de efetivação desse retorno é através da própria circularidade da roupa, voltando a ser um fator de produção, assim como na forma dos capitais que retornarão para o momento da produção, ou ainda, destacamos o retorno que se dá através da reprodução da força de trabalho.

O tema da distribuição da atividade econômica no espaço terrestre e das articulações entre os diferentes lugares no processo produtivo sempre foi um dos mais tradicionais entre a Economia e a Geografia (Moraes, 2017 [1989]). Entretanto, novos desafios se apresentam ao buscar compreender tais processos à luz do atual momento da Globalização, período da história que é marcado pela difusão do meio técnico–científico–informacional e de novas variáveis e imperativos (Santos, 2006, 2012). Parece-nos relevante adotar uma perspectiva multidimensional (Martin, 1996), ao chamar a atenção para as dinâmicas e instâncias mediadoras na leitura econômica do espaço. Ela permite reconhecer que, mesmo frente ao processo de mundialização e dos eventos econômicos globais, as mediações históricas e políticas da formação socioespacial e as formas geográficas e vida cotidiana dos lugares trazem particularidades às dinâmicas produtivas e organizações econômicas das regiões e das cidades.

Por isso, “quanto mais os lugares se mundializam mais se tornam singulares e específicos, isto é, únicos” (Santos, 2012, p. 38).

Nesse sentido, é importante reconhecer que Dourados, a exemplo da maior parte das cidades brasileiras, consolidou sua população urbana durante as décadas de 1970 e 1980, aproximadamente 35 anos após seu desmembramento da cidade de Ponta Porã em 1935. Um dos principais motores desse processo está ligado aos grandes projetos nacionais de ocupação e desenvolvimento do oeste brasileiro. Isso ocorre quando a SUDECO (Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste), através de uma série de políticas de desenvolvimento regional, como o PRODEGRAN (Programa Especial de Desenvolvimento da Região da Grande Dourados), implementa no espaço uma racionalização funcional ligada à expansão da fronteira agrícola, substituindo os campos de pecuária pela agricultura mecanizada e em unidades industriais. Esse conjunto de processos incorporou novas formas de produção e novas relações de trabalho no campo e nas cidades (Abreu, 2001), o que acarretou no desenvolvimento da cidade com base num padrão de urbanização movido pelo esvaziamento do campo, de ritmo muito acelerado e no crescimento urbano concentrado. Compreendemos que esse padrão de crescimento sofreu alterações nas últimas décadas, uma vez que a cidade apresenta atualmente um crescimento marcadamente espraiado e disperso.

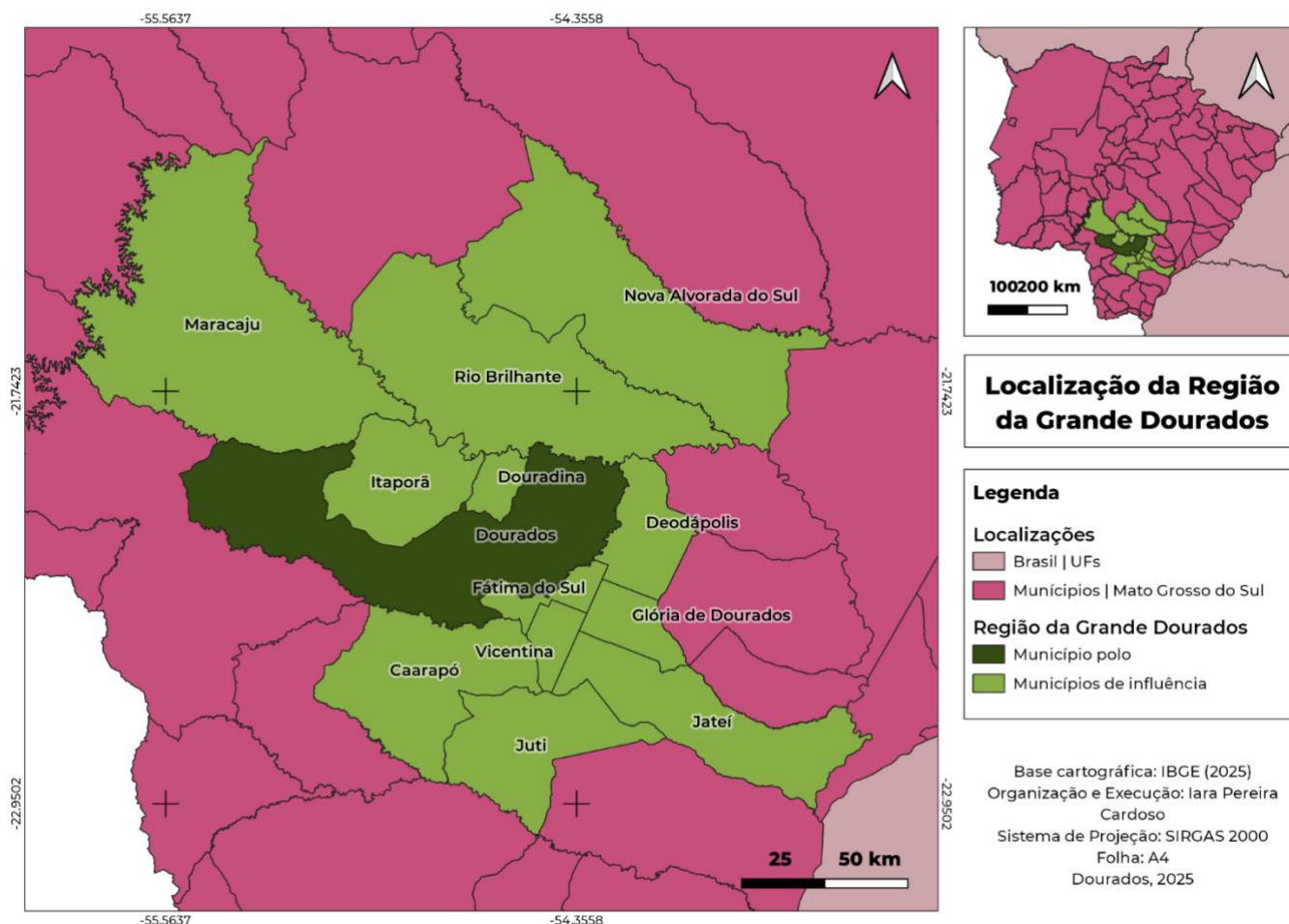
As dinâmicas recentes de reorganização do território brasileiro identificam uma mudança das bases produtivas do crescimento econômico, marcado pela dinâmica da reprimarização da economia (Lamoso, 2020), com destacada centralidade para os setores ligados ao agronegócio, com enfoque principal nas exportações de *commodities*. Essa imposição surge como fio condutor para e com as novas divisões territoriais do trabalho e sua realização nos lugares. Essa reestruturação produtiva do território nacional traz novas dinâmicas para regiões que tinham pouca relevância na vida político-produtiva do país. Nesse contexto atual é que se insere a cidade de Dourados, localizada na porção sul de Mato Grosso do Sul³.

³ De acordo com dados oficiais do Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa), o MS está em 7º lugar no ranking nacional do VBP (Valor Bruto da Produção Agropecuária) em 2025, a lista conta com os estados que possuem maior produção e arrecadação no setor agropecuário.

O contexto regional da cidade de Dourados ainda é marcado por intensas dinâmicas fronteiriças, em que as redes de circulação e intercâmbio se intensificam pela permeabilidade dos limites estatais (Machado, 2010). Isso fica evidente ao considerar que seu núcleo urbano se localiza a aproximadamente 120 km de distância do centro de Ponta Porã, cidade-gêmea de *Pedro Juan Caballero*, Paraguai, onde se observa uma “fronteira viva” (Faccin, 2015), com alta integração formal e alta integração funcional, se considerarmos a tipologia proposta por Oliveira (2005). Esses antigos e novos agentes no sistema urbano nos ajudam a compreender as dinâmicas territoriais.

Dourados possui a segunda maior população do estado de Mato Grosso do Sul, estimada em 243.367 habitantes (IBGE, 2025), e que se configura como uma cidade intermediária (Calixto, 2019), recebendo e exercendo influência sobre os distritos e vários outros municípios ao seu entorno que compõem a microrregião (ver Mapa 1) composta por 13 municípios: Dourados, Caarapó, Juti, Itaporã, Maracajú, Douradina, Rio Brilhante, Nova Alvorada do Sul, Fátima do Sul, Vicentina, Jateí, Glória de Dourados e Deodápolis. A partir dessas conexões, Dourados reproduz sua influência como uma “capital regional” em uma dinâmica de mediação, tanto no espaço intraurbano quanto na sua relação com a “fronteira viva”, estruturando e mediando as relações regionais.

A cidade apresenta uma população diversa, segundo o censo do IBGE (2024a), Dourados possui a 6ª maior população residente em terras indígenas do Brasil, além de possuir as aldeias Jaguapiru e Bororó, que juntas formam a maior reserva indígena do país. A população indígena que vive às margens da cidade dá ainda outros contornos para a realidade urbana, seu lugar na cidade é experienciado em outras formas não normativas, como em acampamentos e áreas de retomada de terra (Bastos, 2014). Além da população indígena a cidade passa a ter outras dinâmicas populacionais a partir da chegada de imigrantes e refugiados, principalmente de países como Venezuela e Haiti (Jesus, 2020; Silva, 2020).

Mapa 1. Localização da Região da Grande Dourados

Fonte: Elaboração própria (2026).

A posição de Dourados na hierarquia urbana regional é marcada por sua função de articulação do campo e pequenas cidades da região da grande Dourados ao concentrar serviços especializados e exercer influência polarizadora no sul do Mato Grosso do Sul (Nogueira, 2016, p. 11). Por conseguinte, a assumimos como cidade intermediária, aquela que desempenha um papel na mediação, funcionando como centralizadora da área de influência, a partir da condição de oferta de produtos aprimorados e serviços urbanos especializados. Sobre a condição de centralidade desempenhada pela cidade, Calixto (2017, p. 66), afirma que:

Em outras palavras: a condição regional de Dourados se fez e se refaz mediante um conjunto de relações/articulações de ordem multiescalar. Nesse processo, sua importância vai além de sua posição no sul do estado – como centro de referência na oferta de comércio e serviços –, uma vez que também responde a determinações que desencadeiam circuitos espaciais ligados a escalas geográficas bem mais abrangentes, podendo ultrapassar o território nacional.

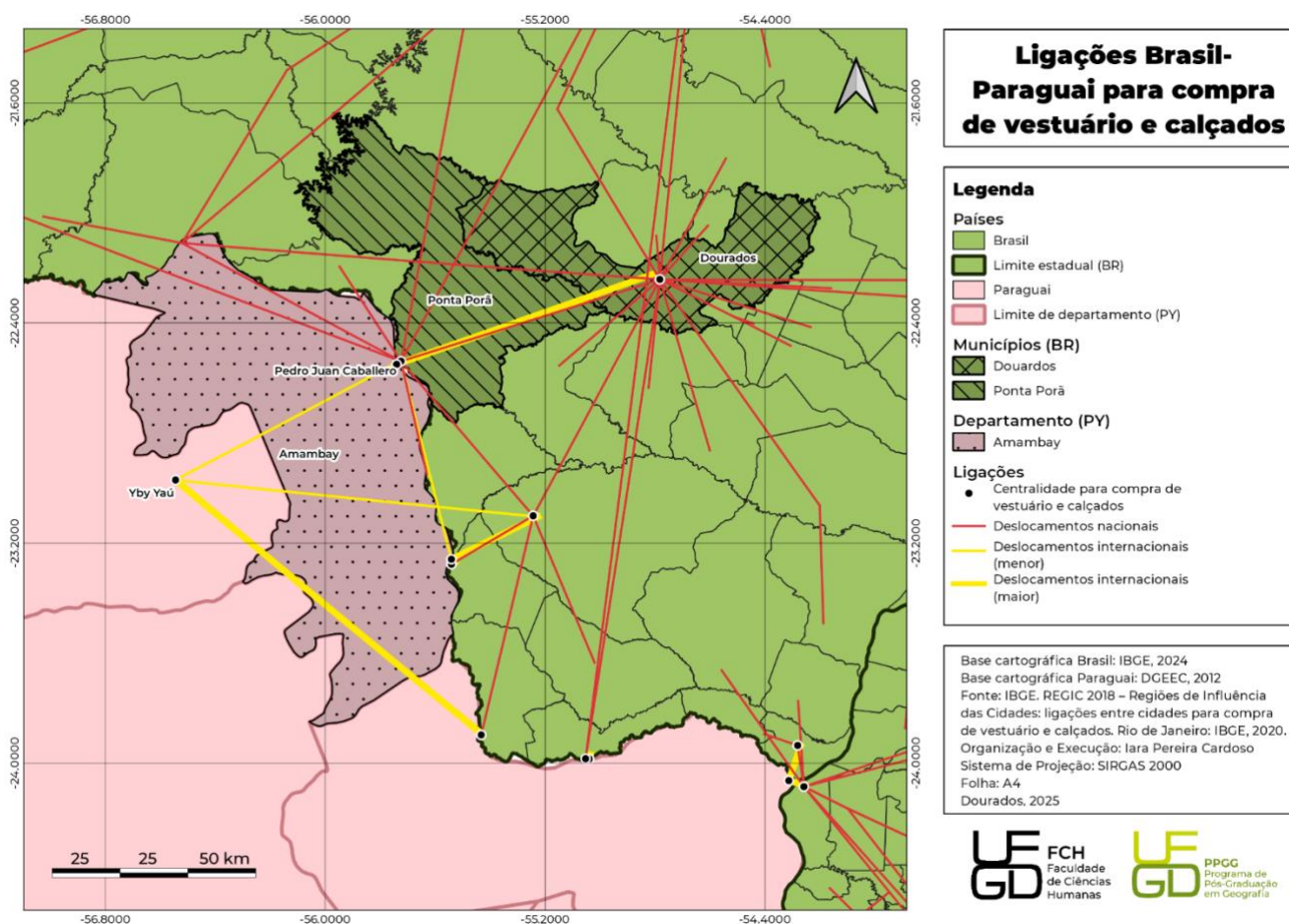
A cidade intermediária sedia crescentes atividades ligadas aos novos movimentos de modernização do território, uma de suas expressões é a difusão do meio técnico científico informacional através de fixos e fluxos (Santos, 2006). A cidade se coloca em posição intermediária realizando uma mediação entre o mundo, marcado pelos processos globalizantes, e a região imediata. Essa mediação se manifesta, por exemplo, na difusão de firmas modernas, que atendem as cidades ao redor, alterando a hierarquia urbana clássica e dando novas feições à integração entre lugares. Nessa perspectiva, observamos a expansão de atividades que conferem maior dinamismo ao território. Trata-se de práticas predominantemente intensivas em trabalho, sustentadas por seus próprios conteúdos locais, mas igualmente influenciadas pelas dinâmicas modernas da informação e das finanças (Santos, 2012).

Essas particularidades que conformam a situação geográfica (Cataia; Ribeiro, 2015; Ribeiro, 2013; Silveira, 1999) de Dourados, uma cidade intermediária numa zona fronteira próxima a uma cidade-gêmea com fronteira viva, fazem com que a economia política dessa cidade também ganhe especificidades, o que pode ser identificado pelas “feições regionais” que os circuitos da economia urbana, em especial os inferiores, ganham neste contexto espacial (Montenegro, 2013). Esses princípios analíticos poderiam ser testados no caso do circuito espacial de roupas de segunda mão. Por exemplo, se parte significativa das cidades brasileiras, especialmente as que não se localizam na faixa de fronteira terrestre, são abastecidas majoritariamente por fornecedores locais e regionais; no caso de Dourados, parte significativa do abastecimento se dá justamente através de sua fronteira com o Paraguai, em especial na cidade de Ponta Porã.

Podemos perceber essa relação a partir da pesquisa de Regiões de Influência das Cidades – REGIC (IBGE, 2020), com foco nas centralidades e nos deslocamentos para a compra de vestuários e calçados. É importante destacar que o dado utilizado é referente à compra de roupas novas, ou seja, estão em sua primeira realização no circuito. O mercado de roupas de segunda mão, dada sua natureza de pequena escala, quase “invisível” e sua fluidez nas fronteiras entre o

formal/informal e o legal/ilegal, constitui uma atividade de difícil apreensão pelos institutos oficiais de pesquisa socioeconômica brasileiros, resultando em sua recorrente invisibilidade estatística.

Mapa 2. Ligações Brasil-Paraguai para compra de vestuário e calçados



Fonte: Elaboração própria (2025).

Como mostra o Mapa 2, entre o sul do Mato Grosso do Sul e o norte do Paraguai, destacam-se as cidades de Ponta Porã (Brasil) e *Pedro Juan Caballero* (Paraguai) como os principais pólos de centralidade comercial, com ligações nacionais de primeira ordem que contemplam o principal destino e todos indicados com percentuais até 5% inferiores ao mais frequente⁴. Nota-se que

⁴ Sobre a metodologia adotada ver: (IBGE). REGIC 2020 – *Ligação entre cidades para compra de vestuário e calçados*. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

Dourados surge como um núcleo importante de articulação regional, conectado a Ponta Porã e, indiretamente, às cidades paraguaias. Essa configuração reforça a importância de Dourados como centro intermediário na rede urbana regional, tanto pela sua capacidade de atrair consumidores de áreas vizinhas quanto por servir de elo logístico e econômico entre o interior sul-mato-grossense e a fronteira.

Nos deslocamentos internacionais é notório ligações de duas ordens, destacamos aqui o fluxo internacional entre as cidades de Dourados e sua ligação com a cidade de *Pedro Juan Caballero*. A porção paraguaia, representada pelo Departamento de *Amambay*, aparece com destaque nas conexões internacionais. As cidades de *Pedro Juan Caballero* e *Yby Yaú* se vinculam diretamente a centros brasileiros, demonstrando uma dinâmica de fronteira marcada pela complementaridade comercial e pela circulação cotidiana de pessoas em busca de produtos mais baratos e diversificados.

Mobilizamos esses dados com interesse de demonstrar que cotidianamente esse deslocamento se realiza em busca de roupas novas, tendo como um de seus motores a dinâmica dos baixos preços. Porém, esse interesse também é mobilizado pelas agentes do mercado de segunda mão em Dourados, que são parte ativa desses fluxos para a realização do seu trabalho produtivo, também criativo, no primeiro encadeamento dos momentos no circuito espacial produtivo que buscamos conformar.

A FEIRA O BALAI O ENQUANTO EVENTO ORGANIZADOR DO CIRCUITO PRODUTIVO E DOS AGENTES DO CIRCUITO INFERIOR

Conjuntamente a essas complexas relações regionais e contextos fronteiriços, devemos sempre entender a cidade como uma totalidade, independente de seu tamanho em área ou localização territorial, como um espaço da produção e reprodução da vida social, onde os circuitos da economia urbana se concretizam e constituem a economia política da cidade ([Arroyo, 2017](#)). Para entender essa dimensão da cidade de Dourados, é preciso entendermos o histórico padrão de crescimento econômico que marca a formação socioespacial dos países subdesenvolvidos, como é o caso brasileiro, e que contribui para explicar a distribuição de renda

cada vez mais desigual. Isso redundava tanto em dificuldades para a expansão do emprego quanto o fortalecimento de um mercado interno para os produtos modernos. Como expressão desse processo histórico é que surge e se forma o circuito inferior da economia urbana ([Santos, 2008 \[1979\]](#)).

Hoje, Dourados é o segundo município com maior PIB do estado de Mato Grosso do Sul, atrás apenas da capital, Campo Grande. Em 2023, o salário médio mensal em Dourados era de 2,6 salários-mínimos (10º maior do MS), com uma população economicamente ativa de 90.933 pessoas em postos de trabalho formal sendo aproximadamente um quarto da PEA, composta por 22.473 optantes pelo MEI (Brasil, 2026) e, em 2010, 30,8% da população em domicílios possuía rendimentos mensais de até meio salário-mínimo por pessoa. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua ([IBGE, 2024b](#)) dispõe que 458 mil pessoas em Mato Grosso do Sul estão ocupando postos informais no mercado de trabalho, enquanto 563 mil pessoas estão empregadas no setor privado com carteira assinada, ou seja, uma diferença de pouco mais de 100 mil pessoas. Essa realidade apresentada no contexto do mercado de trabalho em Mato Grosso do Sul revela a possibilidade do trabalho precarizado e informal, representando uma dinâmica que fortalece atividades menos capitalizadas e ligadas ao circuito inferior da economia urbana.

Um caminho metodológico para se compreender a economia política das cidades, em articulação com o conceito de circuito espacial produtivo, é por meio da teoria dos circuitos da economia urbana (Silveira, 2011). Dentre esses circuitos, tem enorme relevância no contexto das formações socioespaciais periféricas os circuitos inferiores da economia urbana. Sinteticamente, estes podem ser definidos por um sistema econômico das cidades em que são recorrentes as condições precárias de trabalho, inseguranças de toda ordem e baixos salários ou mesmo nenhum, já que parte significativa dessas relações de emprego são ordem familiar. Além disso, a produção é pensada para atender às necessidades imediatas dos consumidores locais, sem grandes perspectivas de crescimento ou expansão. Segundo Santos (2008 [1979]), a desaceleração da economia urbana está diretamente relacionada à exclusão social e à segregação espacial urbana. O acesso às oportunidades econômicas e sociais é limitado aos

indivíduos que participam do circuito superior da economia, formado por empresas e indústrias de alto valor agregado e concentradas em áreas centrais e privilegiadas da cidade.

A partir dessa definição teórica, podemos reconhecer que os brechós se caracterizam como uma atividade típica do circuito inferior da economia, distinguindo-se em grau de organização, pelo baixo capital mobilizado, pelas tecnologias menos modernas empregadas e, em geral, seus produtos e serviços são voltados para o atendimento de necessidades locais. A identificação de uma atividade e sua inserção na dinâmica dos circuitos da economia urbana relaciona-se, em parte, ao público que ela atende, ou seja, ao perfil de seus consumidores, como será discutido logo abaixo. Por essa razão, propomos apresentar resultados e reflexões acerca de uma parcela importante desse público, e que tem como característica comum o seu envolvimento com os brechós durante e/ou a partir de feiras criativas onde estes se fazem presente.

Nesse sentido, reconhecemos que as feiras são uma importante estratégia de existência materializada na cidade para as agentes desse ramo, pois se os custos de aluguel para ocupar uma área não lhes permite possuir dois lugares diariamente, um privado (residencial) e um público (comercial), resta a copresença esporádica ou periódica nesses eventos. Tal realidade é ainda mais relevante para as parcelas do circuito inferior que tem como principal *locus* de trabalho os espaços residenciais. A importância desse segmento do circuito inferior pode ser indiretamente reconhecida pelos dados do Relatório Estatísticas dos Cadastros de Microempreendedores Individuais ([IBGE, 2022](#)), ao informar que, em 2022, no Brasil, 38,0% dos microempreendedores individuais declararam exercer atividade na própria moradia, portanto, um aumento de 23% em relação a 2003 (Montenegro, 2013).

O momento da distribuição, para o ramo das roupas de segunda mão, envolve a comercialização dos produtos em locais fixos exclusivos, como as lojas em centros comerciais, que por fatores como os altos custos de aluguel nem sempre se realizam; ou em locais fixos que são compartilhados com as residências familiares, onde esse processo é realizado por meio de plataformas virtuais, via redes sociais ou serviços específicos; ou ainda nas Feiras, que são eventos que acontecem em pontos de localização diferentes na cidade, mas que tem apresentado uma dinâmica específica em relação ao ramo. Essa última possibilidade de

realização da etapa de distribuição, mostra-se como alternativa significativa para se acessar as principais centralidades urbanas, caracterizadas por áreas de aglomeração e com elevados preços imobiliários. Nesse sentido, essa estratégia de distribuição é um caminho muito seguido por brechós que estão localizados em áreas mais afastadas do centro urbano⁵.

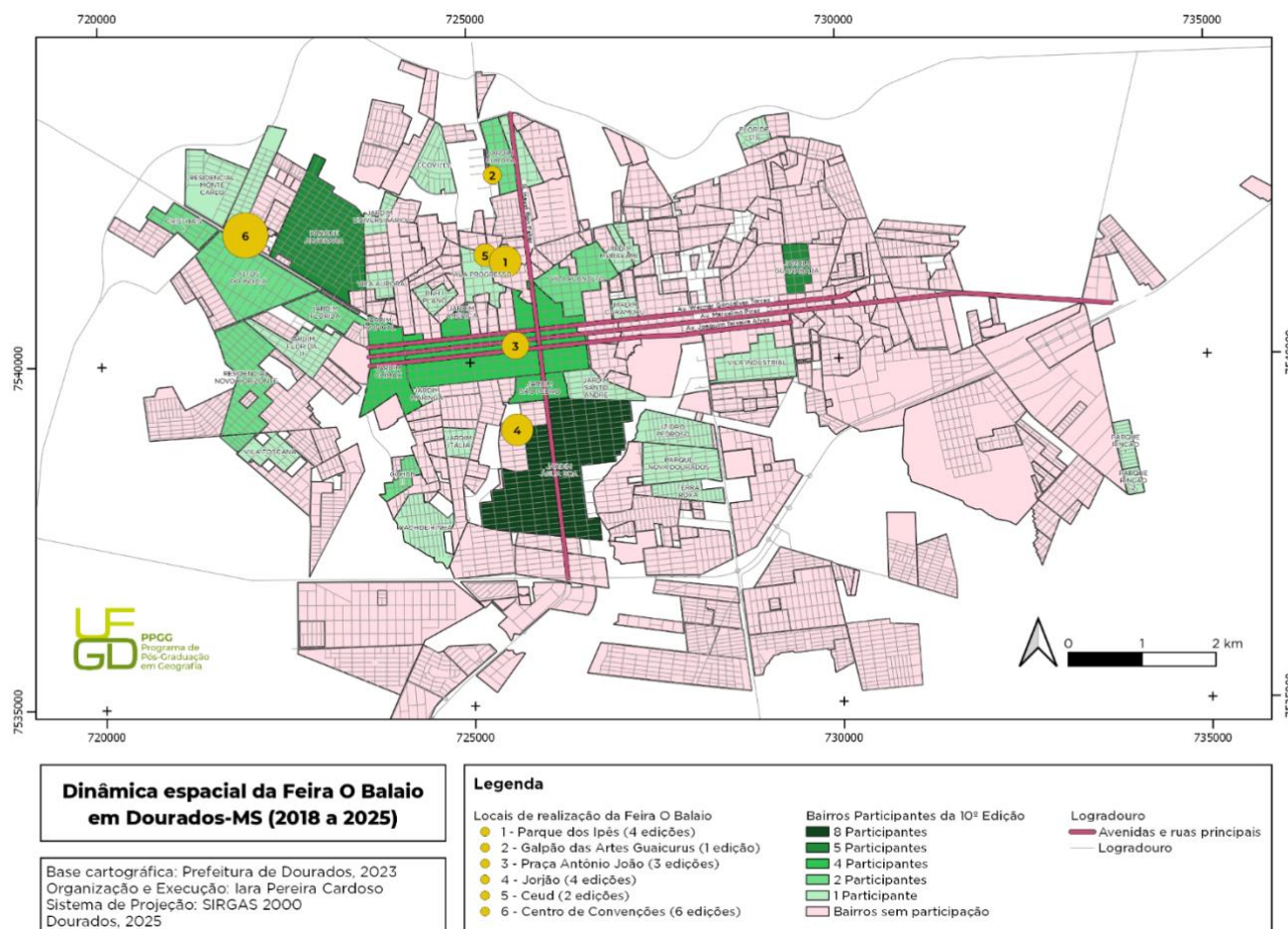
Para analisarmos de modo empírico essas discussões, tomamos como recorte o estudo da dinâmica de espacialização da feira O Balaio na cidade de Dourados, o que resultou na elaboração do Mapa 3, indicando os bairros de origem dos participantes da 10ª Edição e os locais de realização da feira no decorrer das 24 edições. A feira O Balaio, criada em 2018, apresenta-se como uma feira criativa que surgiu com o objetivo de oferecer um espaço em que artistas, ilustradores e diversos profissionais da área criativa pudessem expor e comercializar sua produção de forma independente. Essa proposta buscava atender a uma demanda dessas classes de trabalhadores identificada pelos próprios idealizadores da feira. Ao longo de suas 24 edições, a produção do evento se deslocou entre Dourados e a capital do estado, Campo Grande, e, em parceria com a cooperativa Sicredi, também realizou edições em quatro municípios do interior: Rio Brilhante, Ponta Porã, Ivinhema e Naviraí.

A feira reúne diferentes tipos de expositores, em áreas como gastronomia, arte e artesanato, brechós, moda autoral, decoração, bem-estar, botânica, pets e sebos. Em sua primeira edição em 2018 a feira contou com 50 expositores e em sua última edição em 2025 a feira já contava com mais de 180 expositores e uma rede de mais de 500 expositores cadastrados. Durante nossa pesquisa apresentada em Cardoso ([2023](#)), realizamos trabalhos de campo durante a 10ª edição da Feira O Balaio, realizada nos dias 07 e 08 de maio de 2022, quando buscamos reconhecer o perfil dos consumidores da atividade. Com base nos dados, reconhecemos um público majoritariamente composto por mulheres jovens, com idade entre os 20-25 anos, com acesso ao nível superior de ensino. Ainda, constatou-se ser um público qualificado e que privilegia suas escolhas com base na relação custo-benefício, mas também nas

⁵ Claramente, por não haver uma periodicidade clara e que cubra todas as necessidades econômicas dos brechós, as feiras possuem claras limitações ao circuito produtivo de roupas de segunda mão, por isso, reforça-se o meio digital de vendas como um dos principais caminhos de realização da distribuição e troca das mercadorias.

questões que tangenciam o consumo sustentável. Cabe ressaltar que o consumo alternativo e não hegemônico também tem suas vinculações com a produção do desejo. Milton Santos (p. 221, 2006) apresenta essa relação por outros tipos de consumo como a “busca do futuro sonhado como carência a satisfazer - carência de todos os tipos de consumo, consumo material e imaterial, também carência do consumo político, carência de participação e de cidadania”.

Para qualificar o perfil dos consumidores, buscamos espacializá-los na cidade através dos seus bairros de origem (ver Mapa 3). Foi possível reconhecer uma concentração predominante na porção centro-sul da cidade. Esse padrão está relacionado, sobretudo, à escolha do local para a realização do evento, que visa atender prioritariamente à população do bairro Água Boa e de suas adjacências. Além disso, observou-se uma segunda concentração na porção oeste da área urbana do município, contrastando com a baixa representatividade dos moradores das bordas leste da cidade. Esse cenário evidencia a reprodução de uma centralidade espacial, bem como uma divisão no acesso aos eventos que promovem outras formas de consumo, especialmente vinculadas à economia popular e criativa. Por fim, avançando a espacialização da origem dos consumidores da 10ª edição, adicionamos a elaboração do Mapa 3 a espacialização dos locais de realização da feira no decorrer das 24 edições.

Mapa 3. Dinâmica espacial da Feira O Balaio em Dourados-MS (2018 a 2025)

Fonte: Elaboração própria (2025).

A análise espacial revelou menções a mais de 40 bairros da cidade, o que demonstra que o consumo de roupas de segunda mão é uma prática difundida em diferentes regiões. Contudo, bairros próximos à região central e áreas com maior oferta de comércio e serviços concentraram parte expressiva dos consumidores, indicando uma área de aglomeração com centralidade de uma atividade típica do circuito inferior.

No decorrer das 24 edições, a feira ocorreu em média uma edição por trimestre e, no período marcado pela pandemia de Coronavírus (2020), não aconteceram edições, tendo, portanto, ocorrido 4 vezes em 2018; 4 em 2019; 1 em 2021; 5 em 2022. Percebe-se um aumento na frequência de sua realização após a pandemia, tendo, em 2023, alcançado seu maior número de edições, no total de 7 vezes, inclusive com a expansão para a capital do estado, Campo Grande.

Após esse crescimento, em 2024 a feira ocorre somente 1 vez e, em 2025, depois da realização das 2 últimas edições, a equipe de realização do evento anuncia uma pausa nas atividades.

Ao longo de sua trajetória, observa-se que a feira passou a estabelecer parcerias com agentes do poder público, Secretaria Municipal de Cultura de Dourados (nas 6^a, 7^a e 8^a edições) e, a partir da 10^a edição, ampliou sua atuação por meio de correalizações (parceria ou colaboração com outras produtoras, instituições ou entidades), apoios e patrocínios, sobretudo do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul e das Prefeituras de Dourados e Campo Grande, por meio de suas Secretarias de Cultura, Turismo e Desenvolvimento Econômico, o Conselho Municipal de Política Cultural de Dourados, a Universidade Federal da Grande Dourados (por meio da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e da Coordenadoria de Cultura), da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, o Fundo de Investimento à Produção Artística e Cultural de Dourados, MS+ Criativo e, em nível nacional, a Lei Paulo Gustavo, vinculada ao Ministério da Cultura e ao Governo Federal. Mais recentemente, somaram-se apoios político-culturais por meio dos mandatos de Gleice Jane (Estadual) e Jean Ferreira (Municipal). Além do poder público, também foram firmadas parcerias com a Fecomércio, o SESI e as cooperativas financeiras Sicredi MS/BA e Sicoob Centro Sul MS e em nível de patrocínios de empresas locais com Colina Chopp Dourados, Eden Beer Campo Grande, 067 Vinhos e Como se Llama.

Durante sua trajetória de 24 edições, 20 aconteceram em Dourados e sua presença se realizou em seis diferentes locais da cidade (ver Mapa 3). Podemos observar que a sua dinâmica de espacialização apresenta uma divisão central na cidade, sendo que a leste da Avenida Hayel Bon Faker não há presença de locais de realização da feira, enquanto ao norte do centro podemos observar áreas de concentração (Pontos 1, 2 e 5), o marco central (Ponto 3), a noroeste (Ponto 6) e na porção centro-sul (Ponto 4).

O Parque dos Ipês (Ponto 1), localizado na Avenida Presidente Vargas, porção centro-norte, abrigou 4 edições da feira, um local em sua configuração há disponibilidade de quadras poliesportivas, biblioteca, pista de caminhada, espaços para vôlei de areia, basquete e futsal e o Teatro Municipal. O espaço que abrigou a feira O Balaio acontece nos fundos do Teatro, uma área coberta que já era conhecida pela população pela realização durante a semana, na terça-

feira, da feira agroecológica. Ainda nessa porção da cidade a feira foi realizada “na rua” em frente ao “CEUD” (Ponto 5), como popularmente é conhecido o prédio central da Unidade 1 da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), onde se localizava a reitoria, onde a feira aconteceu por 2 edições. Mais a norte na Avenida Presidente Vargas podemos observar o local de realização da 2ª edição da feira, no Galpão de Artes Guaicurus (Ponto 2), no bairro Jardim Europa, o local é conhecido pela produção de cerâmicas para decoração e utilidades em geral.

No ponto a noroeste, temos o local com maior índice de realização de edições, o Centro de Convenções Antônio Tonani (Ponto 6). Sua centralidade não se dá apenas durante a feira O Balaio, pois o mesmo local também é sede para eventos organizados pela Prefeitura de Dourados, como a Festa Junina da cidade, e outros eventos e feiras de temáticas específicas (Carros antigos, Torresmo Fest, Feira Botânica, eventos musicais, religiosos e outros). Em termos de infraestrutura, é o espaço público que mais atende às demandas da Feira, seja por sua grande área disponível, ou por questões de estrutura técnica. Sua posição próxima ao bairro Parque Alvorada e adjacências também aproxima o público do evento, pois principalmente aos fins de semana os horários de transporte público são reduzidos e geralmente se torna inviável para a locomoção. A porção norte e noroeste da cidade é tradicionalmente caracterizada pela presença de loteamentos fechados de alto padrão, fortemente associados à atuação de incorporadoras e à concentração de grupos de maior renda. No censo de 2010, essa área já se destacava como o setor com maior proporção de domicílios com rendimento superior a 15 salários mínimos, enquanto as porções sul e sudeste apresentavam rendimentos significativamente mais baixos (Calixto; Silva; Bernardelli, 2022). No entanto, é importante observar (ver Mapa 3) que parte desses loteamentos ainda não estava incorporada à base territorial disponível, o que pode levar à interpretação de que o Parque Alvorada representaria toda a porção norte e noroeste da cidade.

A expansão dos condomínios fechados nessa direção ganha intensidade a partir de 2009, com a inauguração do Ecoville, marca uma aglomeração de empreendimentos residenciais voltados para segmentos de maior renda na porção norte expandida. Nesse mesmo contexto, observa-se também a implantação de loteamentos abertos de padrão elevado, como o Altos da

Boa Vista, lançado em 2013 pela Corpal Incorporadora e Construtora com o conceito de praça residencial, e o Jardim das Palmeiras, implantado em 2015 pela Saad Lorensini. Ambos se localizam em continuidade territorial aos loteamentos fechados Ecoville, Porto Seguro e Porto Madero e, no caso do Jardim das Palmeiras, situam-se inclusive entre os seus muros (Calixto; Silva; Bernardelli, 2022).

A Avenida Marcelino Pires é uma via arterial, considerada como uma das mais importantes da cidade. Segundo Romero (2010, p. 52), há uma profunda e marcada diferença nos preços da terra urbana entre duas grande porções de área que compõem a cidade, condição que aprofunda a diferenciação socioespacial e estimula práticas especulativas. De forma prática, a Avenida Marcelino Pires atravessa a mancha urbana de leste a oeste, marcando uma divisão da cidade em duas áreas bem distintintas:

na área noroeste, mencionada popularmente como a “parte de cima” da Avenida Marcelino Pires, o preço da terra urbana é maior e na porção sul da cidade, considerada a “parte de baixo” da referida Avenida, compreende as áreas de menor preço (Romero, 2010, p. 52).

A partir de tais conclusões de Romero (2010) sobre a estrutura urbana da cidade, torna-se ainda mais visível uma concentração dos Brechós na porção Sul da Avenida Marcelino Pires (ainda que com certa concentração no Centro), sobretudo porque ao Sul estão concentrados os bairros com menores rendas, como é o caso do Jardim Água Boa, que é o segundo bairro de maior concentração dos brechós na cidade.

O ponto central é a Praça Antônio João (Ponto 3), local que recebeu 3 edições da feira e proporciona a experiência de “ocupar a rua”, a realização na praça central da cidade traz maior dinâmica aos participantes da feira. Na porção centro-sul podemos observar o “Jorjão” (Ponto 4), o Complexo Esportivo Jorge Antônio Salomão, localizado no bairro Água Boa, bairro mais populoso da cidade, já que se desenvolveu uma microrregião conhecida como “grande água boa”, dada a influência nos bairros adjacentes. Como pontuado, a porção sul da cidade é a que possui a menor renda. No “Jorjão” são realizadas atividades gratuitas de esporte e lazer para a população, promovidas pela Fundação de Esportes de Dourados, vinculada à Prefeitura Municipal de Dourados. Este complexo esportivo também é um local muito frequentado pela

população, por sua dimensão ampla, com quadras disponíveis gratuitamente, e acabou por abrigar 4 edições da feira O Balaio.

Dessa forma percebemos como a Feira O Balaio e seus frequentadores, refletem as dinâmicas na vida urbana, se relacionando com diversas atividades e agentes que compõem o circuito inferior da economia, que se mostra como um importante acontecimento (evento) e espaço (fenômeno) em que se realiza o momento da distribuição no circuito espacial produtivo de roupas de segunda mão. A partir disso, revela-se mais uma vez como este evento é marcado pelas feições específicas da cidade e dos circuitos da economia urbana, com suas centralidades e fragmentações, ao mesmo tempo em que dá novos sentidos e dinâmicas às práticas espaciais dos sujeitos e agentes produtivos, particularmente os ligados ao circuito de roupas de segunda mão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O circuito espacial de produção, como importante conceito de análise da Geografia, permite compreender de forma mais abrangente o uso do território pelas diferentes atividades econômicas, evidenciando os agentes, fluxos e fixos que especializam e diferenciam os lugares. Essas diferenciações podem ocorrer em diversas escalas, desde o espaço intraurbano até os níveis regional, nacional e global. Nesse sentido, os círculos de cooperação no espaço tornam-se elementos essenciais, pois articulam as etapas do processo produtivo, conectando os momentos que vão da produção ao consumo final, evidenciando a circulação, mediação que mobiliza de forma multidimensional o território (Silva, 2012).

Essa feição do circuito inferior de roupas de segunda mão borra as fronteiras da frágil dualidade “formalidade” e “informalidade”. Isso ocorre tanto pelos profundos laços entre agentes e espaços que fogem aos enquadramentos fiscais e normativos dessas categorias quanto pela indissociabilidade, não só teórica, mas empiricamente reconhecível no tempo e no espaço, das dimensões produtivas e reprodutivas do trabalho. Uma realidade que fica ainda mais patente na figura das mulheres trabalhadoras que atravessam e constituem esses circuitos.

Dessa forma, a análise espacial da Feira O Balaio como um dos conjuntos de ações possível no momento da distribuição demarca o ramo de roupas de segunda mão como uma de suas especializações pois, desde sua criação, apresenta um setor especificamente destinado aos brechós, o qual, ao longo do tempo, passou por um processo de ampliação e diversificação. Tal expansão tem desempenhado papel relevante na dinamização do circuito produtivo de roupas de segunda mão, estimulando a criação e o fortalecimento de novas iniciativas em Dourados e em outros municípios de Mato Grosso do Sul. Nesse contexto, O Balaio se mostra como um importante nexo dos círculos de cooperação no espaço, dada a possibilidade de aprofundamento e alargamento da interação entre os circuitos da economia urbana. Além disso, dispositivos de cooperação (Duarte, 2021), como são esses eventos, podem contribuir para a consolidação de modos alternativos e não hegemônicos de consumo, e de organização da economia popular e da economia circular. Isso se torna possível pelo fato deles potencializarem não só a circulação de mercadorias que realizam o valor de troca, mas igualmente de discursos (Duarte, 2024) e signos ligados a valores como do consumo consciente, da preocupação com o meio ambiente e da importância do trabalho vinculado à reprodução social e ao cuidado.

A análise da distribuição espacial das feiras evidencia uma concentração geográfica em seis diferentes locais da cidade (ver Mapa 3), com predominância na porção norte do centro urbano, destacando-se os Pontos 1, 2 e 5. O Ponto 3 se consolida como uma centralidade do circuito, enquanto as ocorrências a noroeste (Ponto 6) e na região centro-sul (Ponto 4) configuram áreas de menor aglomeração no circuito. Por outro lado, a ausência de eventos na porção leste da Avenida Hayel Bon Faker revela padrões específicos de concentração e ocupação urbana, indicando que a espacialização dessas práticas socioespaciais está associada a determinadas oportunidades de mobilidade e acessibilidade urbana.

Desse modo, O Balaio não se restringe a um evento apenas de comercialização de bens e mercadorias, mas igualmente atua como um nexo nos fluxos de informação, em que sua capacidade de mobilizar circuitos, agentes, bens e mercadorias reforça a posição de mediação que a cidade exerce, seja pelo papel que representa para os lugares que se conectam via circuito espacial produtivo, seja no intraurbano ou interurbano ou na sua relação com a fronteira,

formando relações regionais solidárias. Essas conclusões são fundamentais para a compreensão do momento da distribuição no interior do circuito espacial produtivo de roupas de segunda mão, uma vez que é nesse estágio que se efetiva a articulação entre as etapas de produção, circulação e consumo. A organização espacial da feira reflete, portanto, uma lógica de mercado/econômica, mas sobretudo processos territoriais que apresentam o uso dos conteúdos do espaço urbano como abrigo e potencializador de práticas não hegemônicas.

Os vínculos presentes no circuito inferior não se restringem à participação em um mesmo ramo de atividade. Eles se ampliam pela possibilidade de coexistência de diferentes tipos de serviços e práticas, o que favorece a formação de redes e reforça a solidariedade e confiança. Essa solidariedade se manifesta na articulação com diversos espaços da cidade, que contribuem para o fortalecimento de atividades de naturezas distintas e ampliam as condições de reprodução do trabalho.

O meio ambiente construído das cidades, incluindo praças, parques e demais áreas públicas, é frequentemente apropriado para a realização de eventos e feiras. Além desses espaços, alguns equipamentos culturais, como o Casulo e o Sucata Cultural, ainda que privados, exercem papel relevante ao oferecer apoio, infraestrutura e visibilidade às iniciativas desenvolvidas no circuito inferior. As universidades públicas, representadas pela UEMS e pela UFGD, também desempenham função importante, pois fomentam atividades, disponibilizam espaços e estabelecem parcerias que contribuem para dinamizar outras alternativas de troca e consumo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Silvana De. **Planejamento governamental: a SUDECO no “Espaço Mato-Grossense”. Contexto, propósitos e contradições**. Doutorado em Geografia Humana – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

ARROYO, Mónica. A economia invisível dos pequenos. In: ARROYO, Mónica; CATAIA, Márcio; DANTAS, Aldo (Org.). **Dos circuitos da economia urbana aos circuitos espaciais da produção: um diálogo com a teoria de Milton Santos**. Natal: Sebo Vermelho, 2017.

BASTOS, Tayaná Carolini Felizardo. **As disputas territoriais entre indígenas e proprietários de terra no município de Dourados-MS: os acampamentos indígenas como perspectivas de resistência e luta pela terra**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2014.

BRASIL. Ministério da Fazenda. Receita Federal do Brasil. **Total de Empresas Optantes no SIMEI por município da Unidade Federativa MS, em 31/05/2026**. Brasília: Receita Federal, 2026.

CALIXTO, Maria Jose Martinelli Silva. A centralidade regional de uma cidade média no estado de Mato Grosso do Sul: uma leitura da relação entre diversidade e complementaridade. **Cidades médias e região**. Cultura Acadêmica Editora, 2017. p. 57–110.

CALIXTO, Maria José Martinelli Silva. O processo de consolidação da centralidade regional de Dourados-MS na rede urbana: uma contribuição para a análise de uma cidade média. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 23, n. 3, p. 582–601, 22 out. 2019.

CALIXTO, Maria Jose Martinelli Silva; SILVA, Paulo Fernando Jurado Da; BERNARDELLI, Mara Lúcia Falconi da Hora. Os novos vetores da produção do espaço urbano em Dourados-MS e o processo de reconfiguração da periferia. **Confins. Revue franco-brésilienne de géographie / Revista franco-brasileira de geografia**, n. 56, 18 set. 2022.

CARDOSO, Iara Pereira. **O Mercado de roupas de segunda-mão em Dourados-MS: um olhar geográfico sobre os brechós**. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2023.

CASTILLO, Ricardo; FREDERICO, Samuel. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. **Sociedade & Natureza**, v. 22, p. 461–474, 2010.

CATAIA, Márcio; RIBEIRO, Luis Henrique Leandro. Análise de situações geográficas: notas metodológicas de pesquisa em geografia. **Revista da Anpege**, v. 11, n. 15, p. 9–30, 2015.

DUARTE, Luciano. **Circuito espacial produtivo do petróleo na Bacia de Santos e a economia política da Região Metropolitana da Baixada Santista**. Tese de Doutorado em Geografia – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

DUARTE, Luciano. Aproximações à noção de dispositivos de cooperação: como os circuitos espaciais produtivos se lugarizam. In: RENA, Natácha; BRANDÃO, Marcela; SÁ, Isabel (Org.). **Urbanismo Biopolítico**. Belo Horizonte: Agência de iniciativas cidadãs, 2021.

DUARTE, Luciano. Círculos de cooperação no espaço e seus dispositivos como difusores da racionalidade neoliberal e do discurso da competitividade. **Psicosfera: contribuições teóricas a partir de investigações geográficas**. Porto Alegre: Totalbooks, 2024. p. 112–142.

FACCIN, Ana Carolina Torelli Marquezini. Circuito inferior da economia urbana na atualidade e práticas comerciais na fronteira: circulação de mercadorias e transformações espaciais entre Ponta Porã (MS) e Pedro Juan Caballero (PY). **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 42, n. 2, p. 455–474, 2015.

GREGSON, Nicky; CREWE, Louise. **Second-hand cultures**. Oxford: Berg, 2003.

IBGE. **IBGE | Cidades@ | Mato Grosso do Sul | Dourados | Panorama**. 2025. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/dourados/panorama>>. Acesso em: 11 set. 2025.

_____. **Censo 2022.** 2024a. Disponível em:
<<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/22827-censo-demografico-2022.html?=&t=destaques>>. Acesso em: abr. 2026.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: PNAD Contínua.** Rio de Janeiro: IBGE. 2024b. Disponível em:
<<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html>>. Acesso em: abril 2025.

IBGE, Coordenação de Cadastros e Classificações (Org.). **Estatísticas dos Cadastros de Microempreendedores Individuais: 2022.** Rio de Janeiro, RJ: Ibge, 2022.

IBGE, Coordenação de Geografia. **Regiões de influência das cidades.** IBGE, 2020.

JESUS, Alex Dias De. **Redes da migração haitiana no Mato Grosso do Sul.** Tese de Doutorado em Geografia – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2020.

LAMOSO, Lisandra Pereira. Reprimarização no Território Brasileiro. **Espaço e Economia. Revista brasileira de geografia econômica**, n. 19, 27 jul. 2020.

MACHADO, Lia Osório. Cidades na fronteira internacional: conceitos e tipologia. In: NUÑES, Angel; PADOIM, Maria Medianeira; OLIVEIRA, Tito Carlos Machado De (Org.). **Dilemas e diálogos platinos.** Dourados: Editora UFGD, 2010.

MARTIN, Ron. Teoria econômica e geografia humana. In: GREGORY, Derek; MARTIN, Ron; SMITH, Graham (Org.). **Geografia Humana: sociedade, espaço e ciência social.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

MONTENEGRO, Marina Regitz. Reflexões para uma teoria da localização da economia popular nas metrópoles brasileiras. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 3, n. 1, p. 37–54, 30 abr. 2013.

MORAES, Antonio Carlos Robert. Os circuitos espaciais da produção e os círculos de cooperação no espaço. **Dos circuitos da economia urbana aos circuitos espaciais de produção: um diálogo com a teoria de Milton Santos.** Natal: Sebo Vermelho Edições, 2017. p. 25–51.

NOGUEIRA, Cláudio Cristhiano da Silva. Produção do Espaço Urbano e Regional: leituras de uma cidade média. In: FLORENTINO, Valéria Ferreira da Silva; CALIXTO, Maria José Martinelli Silva (Org.). **Produção do espaço urbano e regional: leituras de uma cidade média**. Dourados, Brasil: UFGD Editora, 2016. p. 9–38.

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado De. Tipologia das relações fronteiriças: elementos para o debate teórico-prático. **Território sem limites: estudos sobre fronteiras**. Campo Grande: Editora UFMS, 2005.

RAFFESTIN, Claude. **Por Uma Geografia Do Poder**. São Paulo: Atica Editora, 1993.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Território usado e humanismo concreto: o mercado socialmente necessário**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013. v. 2 (Por uma sociologia do presente).

ROMERO, H. **O papel do Shopping Avenida Center no processo de redefinição da centralidade urbana e das práticas socioespaciais em Dourados-MS**. Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, 2010.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Coleção Milton Santos, 1).

SANTOS, Mílton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo, SP, Brasil: Edusp, 2012. (Coleção Milton Santos, 10).

SANTOS, Milton. **O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos**. São Paulo, SP: Edusp, 2008.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. 22. ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.

SILVA, João Lucas Zanoni Da. **A Imigração venezuelana para o Brasil: do ingresso em Pacaraima - RR ao início da interiorização em Dourados - MS**. 65 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2020.

SILVA, Silvana Cristina Da. **Circuito espacial produtivo das confecções e exploração do trabalho na metrópole de São Paulo. Os dois circuitos da economia urbana nos bairros do**

Brás e Bom Retiro (SP). Tese de Doutorado em Geografia – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2012.

SILVEIRA, Maria Laura. Uma situação geográfica: do método à metodologia. **Revista Território**, v. 4, n. 6, p. 21–28, 1999.

SILVEIRA, Maria Laura. Economia política e ordem espacial: circuitos da economia urbana. In: SILVA, Catia Antonia Da (Org.). **Território e ação social: sentidos da apropriação urbana**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.